



Torto Arado, de Itamar Vieira Junior

Victor Hugo Adler Pereira

UERJ / CNPq

<http://orcid.org/0000-0001-7648-2526>

vhap@uol.com.br

O romance *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior foi publicado inicialmente em Portugal, por ter recebido o prêmio LeYa, em 2018, e, em 2019, no Brasil, pela editora Todavia. Neste mesmo ano, o romance recebeu os prêmios Oceanos e Jabuti, transformando-se em um sucesso de vendas a partir de 2020. O autor declara-se surpreso com o sucesso alcançado pelo livro no Brasil:

É difícil para mim, como autor, entender o que se passa com o livro. Seria mais fácil para alguém do mercado editorial explicar o que torna um livro sucesso de venda. Acho que prêmios contribuíram bastante para dar um destaque, mas acho também que os leitores têm se conectado com a história. O que é muito peculiar, porque o Brasil hoje é um país predominantemente urbano, e a história se passa no meio rural (ENTREVISTA, 2021-1).

Entretanto, observa que os leitores das cidades, muitas vezes, têm contato com memórias da vida no campo transmitidas pelos familiares. Releve-se que o crescimento das cidades no país se deve principalmente ao êxodo rural. Na recepção do livro influi também a perspectiva adotada pelo autor, ao abordar a trajetória de formação de duas meninas negras, Bibiana e Belonísia, em uma comunidade rural da Chapada Diamantina, que contribui para as discussões contemporâneas sobre temas como as desigualdades sociais, raciais e de gênero, e a herança cultural africana no país. Além disso, conforme observa Vieira Júnior (ENTREVISTA, 2021-2), a posse da terra e a violência no campo são questões ainda longe de ser resolvidas no século XXI.

O fio condutor da narrativa é o desenvolvimento da consciência das duas irmãs protagonistas, apresentado pelo ponto de vista de três diferentes narradoras, elas próprias e Rita Pescadeira, uma divindade religiosa dos cultos do Jarê, modalidade local de candomblé. No processo de individuação das irmãs protagonistas, passam a esboçar atitudes de resistência aos poderes locais e a divergir de um certo conformismo de seus pais, apoiado em justificativas religiosas.

A narrativa começa num ritmo acelerado e com um acontecimento traumático que vai determinar o destino das duas meninas: sua curiosidade leva-as a examinar uma mala vigilante-mente guardada pela avó, Donana, e a encontrar uma faca que provoca ferimentos em ambas.



O acidente provocado pela desobediência determina a necessidade de as duas meninas viverem muito próximas até se tornarem adultas. Diferentes aspectos relacionados a essa situação traumática são explorados no decorrer da narrativa e a faca que feriu as meninas é associada tanto ao fascínio sobre as duas irmãs, provocado por sua forma e brilho especiais, quanto à sua função como instrumento de autoconhecimento e construção de identidade: “Mas a faca reluzia mais que tudo. Nela nos víamos melhor que no caco do espelho que Donana guardava na mesma mala” (VIEIRA JR, 2018, p. 125). A voz narrativa de Rita Pescadora dialoga imaginariamente com Belonísia:

Você descobriu, mesmo passados muitos anos, que guardava igual fascinação pelo brilho da lâmina. Quando pôde tê-la nas mãos outra vez, se viu em seu reflexo, com o mesmo brilho nos olhos, a menina e a velha, a inocente e a culpada. O fio de corte dividiu sua vida a partir daquele ponto, nos tempos que se foram. E cada vez que o lustrava e observava a sua imagem refletida naquele espelho, sabia que sua vida poderia ser dividida de novo (idem, p. 246).

Acrescentem-se a essas associações provocadas por esse elemento, a função de instrumento de intimidação e resposta das mulheres à opressão masculina. A flutuação de sentido manifesta-se no romance em outros elementos importantes - como o arado, referido como “torto”, para caracterizar a discordância com aquele meio hostil - ou situações narradas e personagens importantes, como o pai das protagonistas. Curandeiro e autoridade local nos cultos do Jarê, Zeca Chapéu Grande, devido a descuidos de sua mãe das obrigações religiosas, recebe, no lugar dela, a punição de viver um período de loucura e isolamento da comunidade, em que adquire a aparência e o comportamento de um animal selvagem. Curado por um pai de santo, é submetido a um período de aprendizado para se transformar em um homem equilibrado, autoridade religiosa e liderança comunitária. Zeca Chapéu Grande, nas sessões de Jarê, incorporava frequentemente o espírito de Santa Bárbara, Iansã no candomblé, conforme ocorre nos rituais dessa religião de matriz africana. Ao se tornar *cavalo de santo*, dançava com as saias e adereços femininos adequados à entidade religiosa. Sua autoridade de patriarca da comunidade e líder religioso convivia, com plena aceitação comunitária, com a frequente transformação na divindade feminina.

Itamar Vieira Júnior comenta que o destaque que a religiosidade tem no romance não se deve a crenças pessoais, como alguns pensam, mas ao papel que exerce como laço de solidariedade na região da Chapada Diamantina e ao fato de ter nascido e crescido na Bahia, onde a religiosidade é muito presente (ENTREVISTA, 2021-2).

Importante considerar a interferência da perspectiva mística sobre as ambiguidades na caracterização de alguns personagens e situações do enredo, configurando uma dupla natureza do universo ficcional. Ela se reflete no modo com que as personagens narradoras, até mesmo a entidade espiritual Rita Pescadeira, conciliam a análise crítica de fatos e pessoas a partir de referências às relações sociais e ao pano de fundo histórico - por exemplo, ao legado nefasto da escravidão - com interpretações religiosas, ampliando o significado das experiências individuais e comunitárias.

A articulação da crítica social com a perspectiva mística no romance de Itamar Vieira Júnior retoma os caminhos trilhados por Jorge Amado, principalmente na etapa inicial de sua trajetó-

ria literária. Com isso, o autor contemporâneo, consagrado pela crítica e pelo público, define um projeto literário na contramão de tendências estéticas afinadas com o modernismo vanguardista influente na literatura brasileira desde meados do século XX. Destaque-se a importância da pluralidade de vozes narrativas, procedimento estético adotado em obras como *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego, e *Absalão, Absalão* (1936) de William Faulkner, que se consagraram com a abordagem crítica da decadência da oligarquia rural. Além disso, a trajetória das duas protagonistas de *Torto Arado*, conforme ocorre em uma das modalidades mais características de romance de formação “se apresenta em indissolúvel relação com a formação histórica” (BAKHTIN, 2003, p.222). Franco Moretti restringe as possibilidades de realização plena e atualização desse gênero a um contexto “extraordinariamente breve” (2020, p.123) de transição histórico-cultural, em que foi possível surgir um percurso existencial como o do protagonista Willelm Meister, no romance modelar de Goethe, que supera a rebeldia juvenil e se harmoniza com setores privilegiados da sociedade. Exclui dessa possibilidade obras protagonizadas por jovens proletários, baseado no argumento defendido pela socióloga Michele Perrot de que a luta pela sobrevivência nas classes subalternizadas não dá margem a grandes considerações individuais sobre o próprio destino ou futuro na sociedade, e nem mesmo possibilita se desenvolver uma vida subjetiva plena (MORETTI, 2020, ps. 16-17).

Com perspectiva diferente desses dois estudiosos europeus, Eduardo de Assis Duarte considera que, com o romance *Jubiabá*, Jorge Amado concretiza o projeto de criação do “romance de formação proletário” (DUARTE, 1996, p. 96), em que o protagonista Antônio Balduino, ao contrário do burguês Wilhelm Meister, tem uma origem miserável que o leva a reagir contra as opressões sociais, primeiro através da rebeldia malandra e, em seguida, pela militância sindical (DUARTE, 1996, p.95).

O romance *Torto Arado*, de modo semelhante a *Jubiabá*, desafia as perspectivas da crítica que ignora as transformações estéticas de gêneros tradicionais como o romance de formação, diante de novos contextos histórico-culturais. Reforça uma tendência da literatura brasileira de retomar esse gênero em momentos históricos em que recrudescem as discussões sobre as perspectivas para a juventude pobre e marginalizada, como a primeira metade do século XX ou o início do século XXI - com a chamada Literatura Marginal, em obras como *Capão Pecado*, de Ferréz, *Graduado em Marginalidade* (2005), de Sacolinha, ou no romance *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo. No entanto, diferentemente dessas obras, *Torto Arado* não se apresenta como um relato autobiográfico ou de memórias pessoais de Itamar Vieira Júnior. O autor repete, nas frequentes entrevistas, que vive na cidade de Salvador e seu conhecimento sobre as comunidades rurais de Diamantina foi construído com sua atividade profissional como funcionário do INCRA, posteriormente à faculdade de Geologia. Com a ênfase na mediação do conhecimento teórico e das atividades profissionais em sua aproximação da realidade, diferencia-se da tendência, muito influente entre escritoras e escritores contemporâneos no Brasil e no exterior, de caracterizar suas obras como um testemunho de experiências vividas, e procurar legitimá-las, sobretudo, pela autenticidade ou sinceridade dos relatos e pela sua condição de representantes de um grupo específico, excluído socialmente ou invisibilizado na cena cultural.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. O romance de educação e sua importância na história do realismo. *In: Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 205-225.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record, Natal; UFRN, 1996.

ENTREVISTA (1) de Itamar Vieira Júnior. **Torto arado reflete o passado escravagista mal resolvido**. Publicada no site DW (Deutsche Welle) em 15/03/2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/torto-arado-reflete-passado-escravagista-mal-resolvido/a-56851069>>. Acesso em: 25/08/21.

ENTREVISTA (2) de Itamar Vieira Júnior, realizada em 2021. **A Bahia é meu centro**. Divulgada em Podcast Site 451. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2t9qhHlmfHIk8NM5KHD2FQ?si=lhdW66WuT-nCCzKeXwCQ12w&dl_branch=1&nd=1>. Acesso em: 14 set. 2021.

MORETTI, Franco. **O romance de formação**. Tradução de Natasha Belfort Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.